

Da autora de *A casa das sete mulheres*

LETICIA WIERZCHOWSKI

DERIVA

romance

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

LETICIA WIERZCHOWSKI

DERIVA



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leticia Wierzchowski, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Renato Ritto
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Design de capa: Fabio Oliveira
Intervenção artística (bordado) em capa: Aline Brant
Fotografia de capa: Victoria Davies/Trevillion Images
Ilustrações de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wierzchowski, Leticia

Deriva / Leticia Wierzchowski. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

288 p.

ISBN 978-65-5535-802-5

1. Ficção brasileira I. Título

22-2880

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora.planeta.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. REPRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



PARTE 1



Planeta



ELA CHEGOU NO ANO daquela grande umidade.

Cecília lembraria para sempre. Tinha sido mesmo um inverno terrível. As paredes de La Duiva escorriam água como se chorassem um morto muito querido. Chovia por semanas sem que um único raio de sol viesse iluminar o mundo e todos pareciam esperar alguma coisa, embora lhes fosse impossível dizer o quê.

Santiago, o filho que Tiberius trouxera da Espanha, tinha sete anos naquele inverno. O pobre garoto ficava na janela por tardes inteiras olhando a chuva no mar. Ele vira alguns invernos duros em Almeria, mas La Duiva parecia pertencer a um mundo totalmente diferente, aquoso e cheio de longos silêncios, um mundo encantado e misterioso. Ele quase podia ouvir as coisas que a chuva contava, como vozes sussurradas de segredos. Santiago afinava o ouvido, pescando, entre o vento e a chuva, antigas conversas, risos, suspiros perdidos no tempo e encerrados entre os tijolos da casa dos Godoy.

Mas ele era esperto o bastante para não contar aquilo para ninguém. O garoto ouvia vozes e achava isso normal. Durante um tempo – sim, ele sabia – Tiberius, seu pai, também vislumbrara o futuro. Tivera sonhos sobre o porvir e adivinhara a morte de Orfeu, o seu irmão preferido. Cada lágrima, cada ferida e cada beijo do seu tio Orfeu haviam sido sonhados por Tiberius.

Um dia, o pai perdera os seus dons premonitórios. Sem que Santiago pudesse sabê-lo, naquela mesma data, as vozes começaram a soprar nos seus ouvidos. Mas eram vozes fracas, indistintas como

a brisa que vinha da praia. Somente quando chegara a La Duiva, na casa onde o pai nascera e crescera, foi que Santiago conseguira entender melhor aquelas vozes. De forma que, aos sete anos, ele já tinha um segredo guardado a sete chaves.

Ela deve tê-lo chamado antes de todos, creio eu.

Porque Santiago estava lá na praia na exata hora em que ela chegou. Mas contarei isso mais tarde.

Naquele inverno chuvoso que parecia não ter fim, Cecília observou o neto com atenção. Às vezes quase podia ler seus pequenos lábios rosados. Sentado à janela, o menino falava sozinho. Aquilo a inquietava um pouco... Mas Cecília tivera muitos filhos e aprendera com eles a aceitar as pequenas estranhezas de cada um. As seis sementes do seu ventre tinham nascido tão diversas entre si!

Porém, aqueles longos invernos em La Duiva haviam marcado a fogo todos os Godoy. Fora mesmo num inverno que Flora começara a escrever o seu romance. Tinha sido num inverno que Orfeu fizera os seus primeiros desenhos; ela podia se lembrar perfeitamente do menino moreno rabiscando no seu caderno, num enlevo concentrado. O inverno também trouxera nas suas fímbrias úmidas os sonhos premonitórios do seu filho caçula. E tinha sido num inverno que Orfeu e Julius partiram da ilha às escondidas para viver o seu amor de segredo.

Cecília temia os invernos. Envolvida com seus afazeres rotineiros, enquanto a chuva caía lá fora e a cerração baixa e densa escondia o mar, ela pensava no quanto Santiago era parecido com Tiberius. Calmo como o pai. Loiro, tinha aqueles traços delicados, o sorriso macio, os olhos bondosos. Às vezes, quando o fitava, o tempo parecia ter andado para trás, era como se ela visse seu próprio filho ainda menino.

Santiago deixava-se ficar ali, perto da grande janela da sala, a testa encostada no vidro, apenas esperando. Como se ele fosse mais paciente do que a chuva. Os cabelos loiros do garoto, desfeitos, captavam a pouca luminosidade, brilhando em espasmos cambiantes como o mar para além do promontório.

Quando acabava seus trabalhos, Cecília sentava-se ao lado do neto com um livro e lia para ele. Sentia-se feliz de novo, descobrira novos gostos, cozinhava com alegria para o filho e o neto. Uma nova vida começara em La Duiva depois de tantos anos de espera – os anos em que Cecília ficara ali sozinha, esperando que algum dos seus filhos voltasse daquela diáspora amorosa que os perdera pelo mundo. Sentada ali, ela olhava aquela criança. Era tão parecido com o pai! Mas havia algo de misterioso nele também, laivos da mulher que o gerara e que ficara na Europa. Às vezes, quando o menino ria, também surgia nele um pouco de Orfeu, como se o divertido fauno que colorira sua vida voltasse da morte, agora escondido nos sorrisos do sobrinho.

De fato, Santiago e seu pai eram tudo o que Cecília Godoy tinha.

Ela sabia que seu filho Lucas nunca mais voltaria para casa, ele estava perdido para sempre. Quanto a Eva, a gêmea de Flora também lhe dera um neto. Mas eles nunca vinham vê-la. Eva virara as costas para La Duiva e para o seu passado. Talvez um dia o menino...

Cecília suspirou, tocando os cabelos de Santiago:

— Talvez... — ela disse baixinho.

— Talvez o quê, vovó? — perguntou o garoto, desviando por um instante o rosto da imensidão lá fora, onde o mar era um segredo pulsante escondido na neblina.

— Talvez pare de chover amanhã — respondeu Cecília.

Ele riu como se aquilo fosse uma espécie de piada. La Duiva parecia prestes a ser engolida pela água. O ar era denso e coalhado de umidade. O mar, com suas vagas de chumbo, avançava pela areia, faminto, seus cavalos de água fustigando os molhes com uma fúria havia muito esquecida por aquelas bandas.

Na época de Don Evandro, quando ainda era mocinha, Cecília vira muitos invernos tormentosos. Tempestades que amanheciam em cólera, enchendo a praia com os restos dos navios naufragados, quando os homens trabalhavam com faina redobrada, corajosos como deuses, lutando contra o vento e as ondas para salvar cargas e marinheiros. Por vezes, algum afogado vinha dar naquelas areias, enrolado em algas verdes, os cabelos desfeitos enredados de conchas peroladas, parecendo uma oferenda devolvida pelo mar.

Mas, depois que Ivan assumira o farol e a empresa de salvamento do pai, houvera um tempo de invernos mais mansos, como se Ivan fosse uma espécie de Poseidon feito homem e tivesse poderes sobre os vagalhões e as tormentas.

Cecília vivia ali havia décadas, ela sabia mais do que ninguém que o mar era uma espécie de livro que podia contar muitas histórias. Sentada ao lado do neto, quando a tarde escorria para a noite, ela dizia-lhe baixinho:

— Ouça a voz do mar, Santiago... Ele fala com você.

O menino ficava muito atento e, então, respondia de súbito:

— Elas estão rindo, vovó.

— Elas quem? — indagava Cecília. — As ondas do mar estão rindo?

— Não — dizia o menino. — Elas.

Elas. As vozes.

Isto ele não dizia. Nem Cecília perguntava. Ela tinha aprendido a respeitar os mistérios infantis. Pensava, por vezes, em comentar com Tiberius as estranhas conversas que mantinha com Santiago naquelas tardes inverniais. Mas sempre desistia.

Tiberius, de fato, estava muito mudado. Vivia uma segunda existência, e era quase impossível acreditar que antigamente seu filho mais novo olhava mais para as constelações do que para as pessoas.

Depois do seu longo exílio europeu, época da qual Cecília sabia muito pouco, Tiberius voltara decidido a reerguer La Duiva das cinzas. Parecia um outro Ivan, mais loiro, mais magro, rejuvenescido e incansável. Transformara-se num homem de ação. Viera disposto a levar adiante o nome dos Godoy. Dos seus antigos tempos de segredos e premonições, nada lhe ficara. A não ser, pensava Cecília com um meio sorriso, aquele menino.

Santiago.

Quando ela chegara em La Duiva, depois de todos aqueles meses de tempestade, Santiago era quem a esperava na praia.

Como se soubesse.



DOIS ANOS ANTES DAQUELE INVERNO de chuva infindável, Tiberius Godoy, o caçula dos filhos de Cecília e Ivan, retornara a La Duiva como se ele fosse a própria vida.

O farol, cuja administração, depois da morte do esposo, Cecília repassara à Marinha, fora recuperado por Tiberius. Ele também reabriu a empresa de salvamentos marítimos – os Godoy renasciam como a própria Fênix. Tiberius tinha muitos outros planos para o futuro, e a sua energia incansável impressionava Cecília.

A notícia tinha corrido por todo o litoral até muito depois de Oedivetnom, passando por ilhas, estuários e praias: Tiberius Godoy reassumia os negócios paternos e La Duiva voltava finalmente ao mapa dos navegadores.

O caçula dos Godoy deve ter se espantado muito com o estado da propriedade e da grande casa branca ao pé do promontório. Tudo parecia envolto numa espécie de encantamento maléfico, e a decrepitude do ancoradouro onde desembarcara com seu filho era apenas um cartão de visitas do resto da ilha.

A antiga casa e o jardim estavam praticamente abandonados, as sarças cresciam entre os roseirais de que outrora Cecília cuidara com o zelo de uma Ceres. As janelas não se encaixavam em suas aberturas, as gelosias tinham apodrecido como frutas, o telhado apresentava rombos e chovia no quarto que antes tinha pertencido às gêmeas. O velho depósito onde Ernest lera sobre os amores de Bovary e sobre a furiosa caça à baleia assassina estava desabando

silenciosamente, tomado pelo mato e pela areia. Uma camada de pó cobria todos os móveis.

Durante anos, Cecília permanecera na casa sozinha, colecionara invernos e verões sem se importar com os estragos do tempo. Tratava a ilha como se toda ela fosse um imenso jazigo, e seus olhos só conseguiam ver o passado.

Mas Tiberius tinha voltado.

De certa forma, Cecília esperara por ele. Eram unidos por sentimentos e, distantes, sonhavam um com o outro. O retorno do caçula, depois de anos de peregrinação, parecera-lhe quase impossível. Então, ela recebera a carta. Tiberius tomaria um avião. Depois disso, um barco. E, por fim, Tobias o traria até La Duiva.

A ele e ao menino.

Sim, havia um menino e ele se chamava Santiago.

Cecília provara o gosto daquele nome e sentira uma imensa alegria. Não tinha como recuperar a casa, o quintal, o celeiro e o jardim em ruínas, mas cortou os cabelos, tingiu os fios cheios de cãs, e toda ela rejuvenesceu como se fosse Penélope ao saber que seu Odisseu estava finalmente em Ítaca.

O mais moço dos meninos Godoy voltara transformado. Tobias, o primeiro dos habitantes da região a ver e conversar com Tiberius, dissera depois, na vila, que ele se parecia finalmente com Ivan. Havia nos seus olhos um novo brilho, uma ebulição que beirava a euforia. E, enquanto o barquinho de Tobias atravessava o mar sereno até a pequena ilha da qual Tiberius partira num alvorecer amarelado havia anos, o caçula dos Godoy jurava para si mesmo que levaria La Duiva de volta aos seus bons tempos.

Depois de gastar alguns dias narrando à mãe os trechos passíveis de serem contados das suas aventuras pelo mundo, Tiberius puxou de um bloco e fez uma lista dos trabalhos que pretendia realizar, e quanto haveria de gastar, e como haveria de obrá-los.

— Aprendi muita coisa lá fora — disse a Cecília. — Sou um homem fazedor hoje em dia. Nada de sonhos, nada mais de intuições.

Ela olhou-o profundamente. Tinha certeza de que seu filho já não era o mesmo que partira anos antes. Os olhos de Tiberius agora exibiam um brilho nebuloso de tristezas escondidas, mas ele

estava forte e parecia saudável. E tudo isso – acrescido à chegada de Santiago – era mais do que Cecília poderia almejar. De modo que ela aquiesceu, satisfeita de sacrificar as suas tardes silenciosas em favor do trabalho que Tiberius tencionava levar a cabo, enchendo a casa de pedreiros, cal e confusão.

A primeira coisa que Tiberius fez foi reformar o depósito onde Ernest vivera e onde a própria Cecília tinha aprendido a ler, decodificando as aventuras de Teseu e a generosa poesia de Lorca. Decidido a reerguer La Duiva das sombras do passado, fez um empréstimo num banco em Oedivetnom, dando parte do terreno da ilha como garantia. Com isso, iniciou a obra, contratando três pedreiros. Contratou também um braço direito, um marinheiro que fora conhecido de seu pai. O marinheiro chamava-se Angus.

Angus andava pelos trinta anos e já tinha estado muitas vezes em La Duiva. Era nativo de Datitla e, em antigos tempos, despertara o jovem Orfeu para a sua verdadeira natureza numa tarde roubada ao concerto de um barco, escondidos ambos atrás das dunas para além do molhe, entre beijos, desenhos e sussurros.

Mas Angus era forte e saudável, ao contrário de Orfeu e seu amor, Julius. A terrível doença que levava Orfeu passara ao largo do seu destino, como um barco mais interessado no mar aberto. Angus era calado, tenaz e trabalhador; dos seus antigos amores, guardava completo segredo. E foi só muito depois que Cecília conseguiu arrancar dele a confiança de que, por uma breve primavera, amara Orfeu com todas as ganas da sua alma de maresia.

Depois de algumas semanas de projetos, cálculos e preparativos, quando Tobias vinha diariamente descarregar material para a obra no pequeno ancoradouro soleado, a casa e o depósito entraram em polvorosa. Fustigado pelos ventos da transformação, Tiberius decidiu reformar também os antigos quartos cheirando a mofo, a sala com as paredes desenhadas pela umidade e a enorme varanda na qual, anos antes, numa tarde azul de dezembro, Julius Templeman aparecera diante dos Godoy vestido com as suas incongruentes roupas londrinas sob o escaldante sol de verão, procurando por Flora, a escritora.

Almeria, a terra ancestral de Ivan, apagara de Tiberius os seus poderes premonitórios. Ele tinha aprendido por lá ofícios que deixariam

o seu pai orgulhoso: tal o rei Odisseu, sabia carpintear qualquer coisa e até mesmo construir um pequeno barco. Como se tivesse crescido na oficina, lidava perfeitamente com as mais complicadas ferramentas. Aparava, media, cortava, consertava, era infatigável na lida.

Por vezes, Cecília pensava onde o filho teria escondido, durante todos aqueles anos de ver estrelas e analisar constelações, tamanho talento para a vida prática. Era como se um outro Tiberius o tivesse esperado em alguma parte do caminho, roubando o lugar do garoto sonhador e intuitivo, mudando completamente a segunda parte da sua existência.

Munido dessas novas qualidades, Tiberius Godoy liderou uma furiosa batalha contra a decrepitude, arrastando atrás de si os peões amalhados na península. A família aprendeu a conviver com os estrondos, o martelar, o pó e a cal que embranqueciam os caminhos do jardim, afastavam os pássaros dos ninhos e apagavam o suave marulhar das ondas.

Todo esse barulho deve ter despertado os velhos fantasmas...

E os novos também.

Você sabe, a casa era mesmo um repositório do passado, pois quem vivera em La Duiva jamais poderia deixá-la, mesmo que assim o quisesse. Até o pobre e desconsolado professor Julius Templeman, que não levava nas veias o sangue de navegadores e faroleiros dos Godoy, voltara para a ilha depois de morto, enredando-se nas cortinas que cobriam as janelas azuis da casa, vagando pelos caminhos, no alto do promontório de pedras, volejando entre as sarças da grande escada escavada na pedra, para sempre envenenado de amor por aquela ilha azul.

Os fantasmas desconsolados com a obra vagaram durante algum tempo, arrastando-se silenciosamente pela ilha. Eram sombras que apagavam o dia, como nuvens a encobrir momentaneamente o sol.

Cecília os pressentia, nada mais do que um sopro, o eco de uma voz perdida na memória, de repente brotando das folhas de uma árvore ou sussurrada pela chuva. Mas era Santiago quem os escutava de verdade. Quase podia vê-los. Um vulto de cabelos castanhos que lhe sorria do corredor era Flora, a escritora... O jovem moreno que caminhava entre as pedras do molhe, Orfeu.